

Portugal: 50 Anos de Gestão Pública Entre o Absurdo e o Improvisado

Publicado em 2025-05-22 09:24:29



Ou como uma nação de navegadores se perdeu numa rotunda sem saída

Portugal celebrou há pouco 50 anos de “democracia”. Sim, as aspas são necessárias — não por desrespeito, mas por honestidade. Porque o que temos tido desde 1974 não foi bem democracia... foi antes uma longa peça de teatro amador, com **atores que não decoram as falas, cenários reciclados e um público que bate palmas porque não sabe mais o que fazer com as mãos.**

Do 25 de Abril ao 25 de Sempre

Começámos com esperança. Cravos na mão, botas nas praças, vozes nas rádios. Mas não passou um ano até termos percebido que a “liberdade” vinha acompanhada de **burocracia, sindicalismo de sofá e discursos com mais vírgulas que verbos**. Instaurou-se a partidocracia, um regime onde os partidos mandam, os governos obedecem e o povo paga — sem recibo.

Cavaco, o Excel em Pessoa

Vieram os anos dourados do betão e da bazuca de Bruxelas. Cavaco Silva, com o carisma de uma impressora matricial, ergueu o império das autoestradas e das adjudicações duvidosas. Criou a famosa classe média dependente de subsídios, **ensinou o país a comer iogurtes**, e mostrou que um bom político não precisa de ideias — basta ter estatísticas.

Guterres e o pântano

Depois veio Guterres, o bom aluno, o homem das metáforas aquáticas. Governou com doçura e abnegação... até perceber que o país era ingovernável e fugir para a ONU como quem troca o refeitório por brunch executivo. O seu legado? Um pântano. Literal e figurado.

Durão, Santana e o episódio piloto

Seguiu-se uma época gloriosamente absurda: Durão Barroso subiu ao poder e fugiu para Bruxelas antes de aquecer a cadeira, deixando **Santana Lopes a governar como quem tropeça em palco durante um ensaio geral**. Durou pouco, mas o suficiente para deixar uma impressão permanente: “isto não pode ser a sério”.

Sócrates, o engenheiro da ilusão

Então chegou Sócrates, o visionário. Um engenheiro político com curso duvidoso e convicções firmes: **mentir com confiança e endividar com orgulho**. Vendeu o país como quem vende telemóveis em cadeia de retalho. No fim, faliu tudo — menos o charme.

Passos Coelho e o manual da troika

Com o país de tanga (ou cueca de renda rasgada), Passos Coelho aplicou austeridade com zelo protestante. Cortou, apertou, sacrificou... e depois disse que era pelo bem de todos. Os bancos caíam, os serviços públicos encolhiam, mas o défice sorria — o único português feliz naqueles anos.

Costa, o ilusionista institucional

E então, António Costa. O homem que sorri para tudo, que faz acordos com a esquerda enquanto privatiza à direita, que não faz ondas — apenas **navega em espuma institucional**. Governou oito anos a adiar reformas, nomear amigos e inaugurar promessas. Tudo com um ar de “isto está melhor do que parece”... até rebentar num escândalo atrás do outro e entregar o país de bandeja ao populismo.

Marcelo, o Presidente dos Abraços

E como esquecer o nosso rei do afecto? Marcelo, o omnipresente, o “influencer de Estado”. Sempre com casaco ao ombro, lágrima pronta e um microfone por perto. Visitou mais lares que enfermeiros, mais praias que nadadores-salvadores. Foi presidente do sentimento — e **absolutamente irrelevante para qualquer mudança estrutural**.

Conclusão: uma democracia de efeitos especiais

Portugal vive há 50 anos num filme que mistura comédia, drama e má gestão. Os verdadeiros problemas — pobreza estrutural, corrupção, justiça moribunda, sistema educativo obsoleto — **ficam sempre para o próximo governo, que por sua vez os remete para o próximo ciclo eleitoral**. E assim sucessivamente, até ao infinito e mais corte de orçamento.

Nota final:

Se isto fosse uma peça de teatro, já teríamos sido vaiados há décadas. Mas como é a realidade... continuamos a assistir, resignados, entre o riso amargo e o imposto em dia.

Artigo de Francisco Gonçalves e Augustus Veritas

Visite-nos em archive.org

Visita a Biblioteca de Fragmentos

Escrever no Vazio

Um desabafo sobre o silêncio que sufoca quem ousa pensar.
Uma reflexão sobre o ato de escrever num país que prefere calar.

[**Ler o artigo completo**](#)